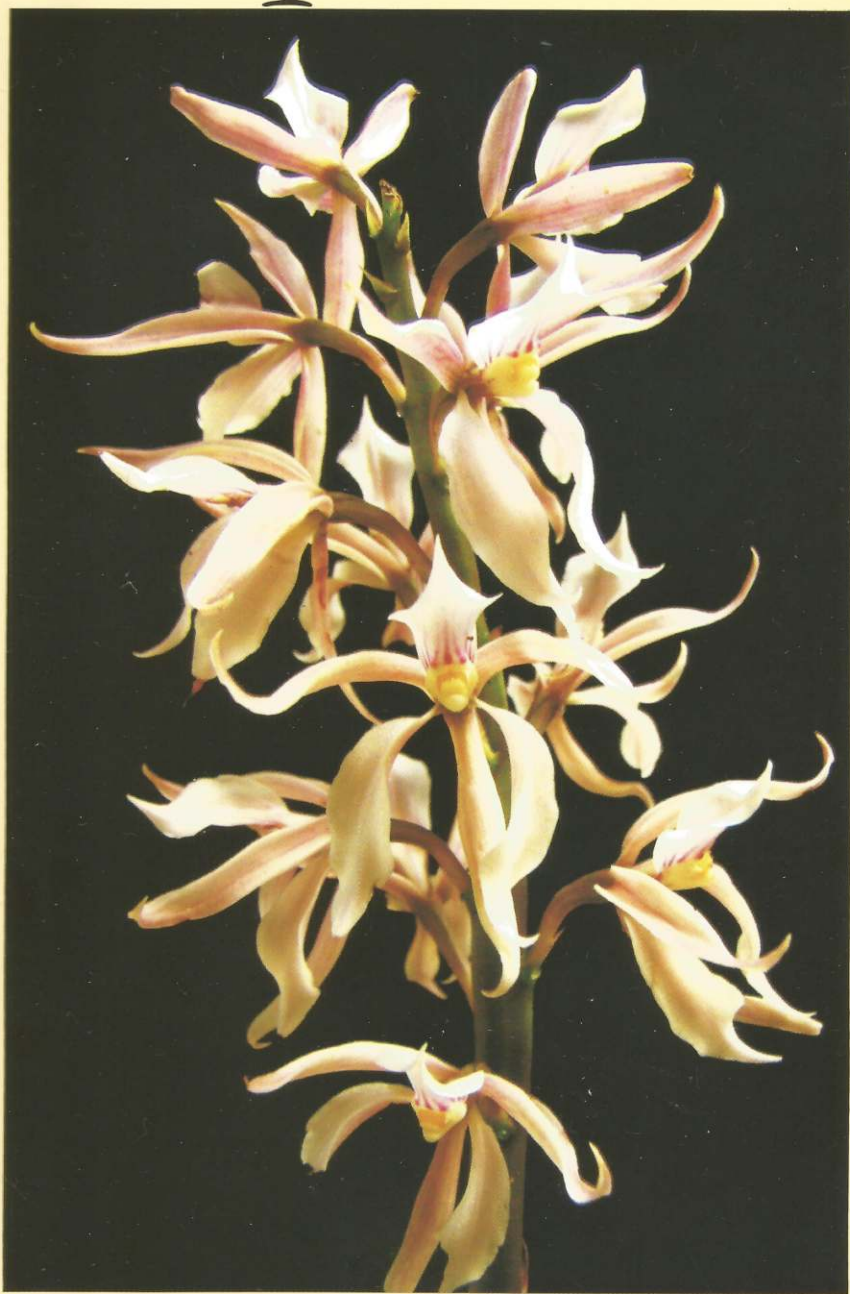


Orquidário



Volume 23, n° 2
Abril a Junho 2009



Editor

Carlos E.M. Carvalho

Conselho Editorial

Antônio Ventura Pinto

Carlos A.A. Gouveia

Maria do Rosário de A. Braga

Publicação da OrquidaRIO
Orquidófilos Associados

Deseja-se permuta com publicações afins. Artigos, textos e contribuições escritas devem ser remetidos ao editor, em CD, DVD ou enviados por e-mail, de preferência, gravados em um dos seguintes editores de texto: Page Maker, Word, Works, ou outros compatíveis com plataforma Windows. Os trabalhos aceitos aguardarão oportunidade de publicação e os não aceitos serão devolvidos caso o seu autor tenha remetido selos para postagem.

Fotos devem conter indicação do motivo e nome do autor, mas informações no site www.orquidario.org

Propaganda e matéria paga devem ser remetidas com 2 meses antes da data pretendida para inserção, reservando-se a revista o direito de rejeitar a publicação sem ter que explicar motivos.

O título Orquidário é de propriedade da OrquidaRIO conforme depósito e registro legal na Biblioteca Nacional.

Qualquer matéria, foto ou desenho sem indicação de reserva de direito autoral (ã), podem ser reproduzidos para fins não comerciais, desde que citada a fonte e identificados os autores.

Correspondência: OrquidaRIO
Rua Visconde de Inhaúma 134/428
20.091-007, Rio de Janeiro, RJ
Telefax.: (21)2233-2314

email: orquidario@orquidario.org

Diretoria Executiva

Presidente

Maria do Rosário de Almeida Braga

Vice-presidente

Fernando Setembrino

Diretores

Técnico - Carlos A. A. Gouveia

Administrativo financeiro - Ricardo de F. Filho

Rel. Comunitárias - Lúcia de Mello Provenzano

Comissão de Conservação

Willian Santiago

Marcus Rezende

Comissão Divulgação

Maria Aparecida Loures

Carlos Manuel de Carvalho

Comissão de Exposições

Colette Augusta Billeter de Souza

Alexandre Cruz de Mesquita

Conselho Deliberativo

Presidente

Sylvio Rodrigues Pereira

Vogais:

Álvaro Pessoa

Maria Lúcia de Alvarenga Peixoto

Patrícia Queiroz Tanure

Paulo Damaso Peres

Presidentes Anteriores

Eduardo Kilpatrick - 1986-87

Álvaro Pessoa - 1987-90

Raimundo Mesquita-1990-94

Hans Frank - 1994-96

Carlos A. A. de Gouveia 1997-98

Paulo Damaso Peres - 1999-00

Hans Frank - 2001-02

Marlene Paiva Valim - 2003-05

CONTRIBUIÇÃO DOS SÓCIOS

Preços/Rates	1ano/1year	2anos/2years	3anos/3years
Sócios Contribuintes	R\$ 108,00	R\$ 200,00	R\$ 300,00
Sócios Correspondentes	R\$ 56,00	R\$ 100,00	R\$ 144,00
Overseas Subscription Rates	US\$ 40,00	US\$ 70,00	US\$ 105,00
By Air Mail: plus US\$ 20,00/year			

INDICE

Orquidário Volume 23, nº2

EDITORIAL

Editorial _____ 40

Restabelecimento do status específico de *Encyclia serroniana* (Barb.Rodr.)

Hoehne, e sua distinção de *Encyclia patens* Hook _____ 41

Luís Carlos dos Santos, Alexandre Dutra de Santana, Adilson Klier Peres Junior, Bento Paschoal de Faria

Sobre o habitat de *Phragmipedium besseae* Dodson & Kuhn e a importância da propagação artificial da espécie _____ 50

Maria do Rosário de Almeida Braga

O uso de *Cyrtopodium saintlegerianum* Rchb.f. (Orchidaceae) para a confecção de viola-de-cocho em Poconé, Pantanal de Mato Grosso, Brasil _____ 59

Adarilda Petini-Benelli, Mariete Alves da Silva e Miramny Macedo

Nova ocorrência de *Epidendrum paniculosum* Barb. Rodr. no Estado do Rio de Janeiro _____ 66

Sylvio Rodrigues Pereira

Publicidade _____ 69



Capa: *Prosthechea allemanoides* (Hoehne) W.E. Higgins
Espécie endêmica da Mata Atlântica, coletada no Parque Nacional do Itatiaia, onde floresce em setembro e outubro.

Foto: Felipe Fajardo Villela Antolin Barberena.

Editorial

Muitas vezes esquecemos ou ignoramos que nossas queridas orquídeas, além de enfeitarem e alegrarem o nosso dia a dia e servirem como uma terapia contra os estresses em geral, podem também ter outros usos. Recentemente li um livro sobre *Vanilla* e só então entendi a enorme importância que o cultivo desta orquídea tem na economia de vários países. No Brasil temos observado que, no comércio de plantas ornamentais, as orquídeas vem ganhando mais espaço ao longo dos últimos anos. Entretanto, pouco ouvimos falar de outros usos que brasileiros fazem das orquídeas. Espécies do gênero *Cyrtopodium* são umas das nossas poucas orquídeas com nome popular (Sumaré) e que já tiveram múltiplos usos, muitos hoje já substituídos por produtos sintéticos. Por isto é interessante quando pesquisadores de Mato Grosso relatam que comunidades tradicionais pantaneiras ainda hoje extraem a mucilagem de *Cyrt. sainlegerianum* para fazerem uma cola especial.

A questão da conservação das orquídeas, dos ambientes onde elas ocorrem e também da conservação ex-situ, em cultivo, é levantada em relação ao Sumaré e também em relação ao emblemático *Phragmipedium besseae*, nativo dos Andes, e do pouco conhecido *Epidendrum paniculosum*, endêmico da Mata Atlântica. Habitats continuam desaparecendo e os “caçadores de orquídeas” ainda continuam ativos. O momento é de refletirmos e agirmos. O que devemos fazer como associação orquidófila e como amantes das orquídeas para que gerações futuras desfrutem desta beleza e riqueza?

Ainda neste número temos um estudo taxonômico comparativo de duas espécies de *Encyclia* brasileiras, para conhecermos melhor a nossa flora.

Uma maneira de conservar é divulgar conhecimentos, para educar. A “Orquidário” vem cumprindo este papel ao longo dos anos e é com orgulho que temos recebido artigos diversos, enviados por vários colaboradores, sobre vários aspectos da Orquidofilia. Boa leitura.

Maria do Rosário de Almeida Braga.
Presidente da OrquidaRio.

**Restabelecimento do status específico de *Encyclia serroniana* (Barb.Rodr.)
Hoehne, e sua distinção de *Encyclia patens* Hook
(Orchidaceae, Laeliinae)**

ESTUDOS DO CLUB DA ENCYCLIA DE BRASÍLIA - III

Luís Carlos dos Santos - luis.santos@ipea.gov.br
Alexandre Dutra de Santana - dutrasantana@hotmail.com
Adilson Klier Peres Junior - samoiedfurry@uol.com.br
Bento Paschoal de Faria* - bento.faria@stj.gov.br

**The re-establishment of the specific status of *Encyclia serroniana* (Barb.Rodr.)
Hoehne, and its distinction from *Encyclia patens* Hook (Orchidaceae,
Laeliinae)**

Abstract: Eleven years after its formal description in 1877, *Epidendrum serronianum* was made synonym of *Epidendrum odoratissimum* Lindl., which is also a synonym of *Encyclia patens* Hook.. Since then it has been treated as an accepted synonym of this species from all the botanists of the genus, despite the presence of its three anthers, an unique characteristic in the *Encyclia* genus which whatsoever was the basis for the original description of *Epidendrum serronianum* by Barbosa Rodrigues. Several other different morphologic characteristics from *Encyclia serroniana* to *Encyclia patens* are present and seem to indicate that the revalidation of this species is necessary.

Keywords: Orchidaceae, *Encyclia*, Laeliinae, *Encyclia serroniana*, *Encyclia patens*, Brasil, Rio de Janeiro, São Paulo, Espírito Santo, Bahia, Morro do Chapéu.

Resumo: Descrito em 1877, *Epidendrum serronianum* Barb.Rodr. foi onze anos mais tarde sinonimizado com *Epidendrum odoratissimum* Lindl., que por sua vez é o mesmo que *Encyclia patens* Hook. Esta opinião tem sido aceita desde então pelos autores que se dedicaram ao gênero, porém, ainda que não considerada a presença de três anteras, característica única no grupo e que sustentou a publicação original, outras diferenças morfológicas recomendam a separação, com restabelecimento da espécie.

Palavras-chave: Orchidaceae, *Encyclia*, Laeliinae, *Encyclia serroniana*, *Encyclia patens*, Brasil, Rio de Janeiro, São Paulo, Espírito Santo, Bahia, Morro do Chapéu

INTRODUÇÃO

Entre as diversas espécies controversas brasileiras do gênero *Encyclia*, destaca-se a *Encyclia serroniana* (Barb.Rodr.) Hoehne, 1952, generalizadamente considerada sinônimo de *Encyclia patens* Hooker, 1830, pelos estudiosos, enquanto a convicção da quase totalidade dos orquidófilos que a possuem é a de que constitui táxon distinto. Tal polêmica, portanto, a insere no âmbito do campo de atuação do Club da *Encyclia* de Brasília – CEB – que visa esclarecer a real situação do gênero.

Quando publicou sua célebre obra *Genera et Species Orchidearum Novarum*, vol. I, p. 50, João Barbosa Rodrigues fundamentou sucintamente a nova espécie da seguinte forma:

"*E. pseudobulbis turbinatis, triphyllis; foliis linear-lanceolatis, obtusis, majoribus scapo; sepalis oblongis, acutis, reflexis; petalis spathulatis, patentibus labello; trilobato: lobulus lateralibus oblongis, obtusis, medio suborbiculare, sub-reflexo, cum marginibus undulatis sed in centro ferente callum duabus lineis perfectum attenuatis ad extremitatem; gymnostemio cum 3 antheris, quarum illa centri sola fertilis.*"



Fig. 1. Ilustração original de Barbosa Rodrigues.

Nos breves comentários que se seguiram, além de o autor indicar a procedência do espécime-tipo, a Serra (Pedra) da Gávea, no Rio de Janeiro, e dedicá-la a Custódio Alves Serrão, a quem intitulou de mestre, referiu que o aspecto geral da planta é semelhante ao de *Epidendrum odoratissimum*, hoje *Encyclia odoratissima*, ou seja, de *Encyclia patens*, que é o nome válido.



Fig. 2. Exemplar proveniente do Rio de Janeiro, fotografado um mês após o início da floração, mostrando algumas flores não ressupinadas.

Essa alusão pode ter influenciado Alfred Celestin Cogniaux, que em 1898, na obra *Flora Brasilienses*, editada por Carl Friedrich Philipp von Martius até sua morte em 1868, a sinonimizou com *Epidendrum odoratissimum*, utilizando aquele táxon inválido na oportunidade, procedimento que, com exceção de Frederico Carlos

Hoehne, que a transferiu para *Encyclia* em 1952, foi seguido total ou parcialmente pelos estudiosos que o sucederam, conforme se constata das obras de Pabst & Dungs (1975), Barros (1983), Withner (2000), Castro Neto & Campacci (2000), Campacci (2003), Romanini & Barros (2007) e Brito & Cribb (2005), ainda que estes últimos tenham consignado a necessidade de melhor investigação, que empreendemos e cujos resultados, sob os auspícios do CEB, ora são apresentados.



Fig. 3. Flor de exemplar proveniente da Bahia.



Fig. 4. Flores em vista frontal. *Enc. patens* (à esquerda) e *Enc. serroniana* (à direita)



Fig. 5. Flores desmembradas e colunas e ovários em vista lateral. *Enc. patens* (à esquerda) e *Enc. serroniana* (à direita)

MATERIALE MÉTODOS

Plantas desta espécie foram localizadas na natureza durante expedição ao Município de Morro do Chapéu, BA, em dezembro de 2006, e floresceram em cultivo no ano seguinte, ao mesmo tempo em que outras, as quais se revelaram a mesma, procedentes de Mangaratiba, RJ, e de locais não identificados no Estado do Espírito Santo e sul da Bahia.

Como a disparidade com *Encyclia patens* era visível, contraposta pela semelhança com a ilustração do tipo, elaborada por Barbosa Rodrigues (fig. 1), que é indiscutível, procedeu-se à comparação das peças florais, bem como ao isolamento de plantas floridas em ambiente fechado para investigação de outra particularidade acentuada por Brito & Cribb (2005), a ausência de perfume em *Encyclia serroniana*.

Para as fotografias utilizaram-se máquinas digitais Fuji Finepix 59100, Olympus X-715 e Nikon D-100.



Fig. 6. Colunas e ovários em vista inferior. *Enc. patens* (superior) e *Enc. serroniana* (inferior)



Fig. 7. Labelos explanados. Notem-se o disco e a extremidade dos lobos laterais.

DIAGNOSE EMENDADA

Encyclia serroniana (Barb.Rodr.) Hoehne, Arq. Bot. Estado São Paulo 2(6): 124, 1952.

Sinônimos

Epidendrum serronianum Barb.Rodr., Gen. Spec. Orchid. 1: 50, 1877.

Epidendrum odoratissimum Lindl., Edwards's Bot. Reg.: t. 1415, 1831, *pro parte sensu* Cogniaux (1898).

Encyclia odoratissima var. *serroniana* (Barb.Rodr.) Brieger ex F.Barros, Hoehnea 10: 91, 1983.

Encyclia patens var. *serroniana* (Barb.Rodr.) Romanini & F.Barros, Fl. Fanerog. Ilha Cardoso 12: 102, 2007.

Planta epífita, cespitosa, podendo atingir cerca de 400 mm de altura, porte médio para o gênero, apresentando até 10 pseudobulbos ativos. **Rizoma** curto, reptante e lenhoso, encoberto por bainhas basilares. **Raízes** glabras, brancas, flexuosas, com 3 mm de diâmetro. **Pseudobulbos** piriformes a piriforme-alongados, verdes a parcialmente amarronzados, conforme o espécime, enrugados quando adultos, com até 53 mm de altura e 28 mm de diâmetro basal, mas normalmente menores, bi ou trifoliados. **Folhas** coriáceas, acanoadas, com margem lisa, nervura central destacada, verdes ou levemente arroxeadas, com até 370 mm de comprimento por 22 mm de largura, mas em geral menores. **Inflorescência** apical, verde ou arroxeadada, ereta, multiflora, paniculada a partir do segundo terço, com 3,5 mm de diâmetro, até 360 mm de comprimento e 31 flores, na contagem máxima verificada, guarnecida por brácteas amplexicaules esbranquiçadas. Foram observadas em cultivo até 26 cápsulas simultâneas em formação. **Brácteas** com até 7 mm de altura por 3 mm de largura. **Flores** com fundo uniformemente verde-limão a amarelo, podendo apresentar coloração ocre nas extremidades, interna e externamente, inodoras, de até 26 mm de diâmetro. **Sépala dorsal** levemente acanoada, simétrica, com 12 mm de comprimento por 4,2 mm de largura. **Sépalas laterais** lanceoladas, algo assimétricas e côncavas, com 13 mm de comprimento por 4 mm de largura máxima. **Pétalas** assimétricas, com 12,5 mm de comprimento por 4,6 mm de largura na porção distal. **Labelo** amarelo ou esbranquiçado, com lobo central apresentando poucas linhas púrpuras descontínuas, variando de intensidade conforme o indivíduo, com 12 mm de largura por 12 mm de comprimento, medianamente franjado ou crispado. Os lobos laterais direcionam-se lateralmente, deixando praticamente à mostra toda a coluna, com venações avermelhadas da base até a porção mediana. Disco central com 2 mm de largura por 5 mm de comprimento. **Coluna (ginostêmio)** subclaviforme, branca com base esverdeada, biauriculada, ligeiramente sigmóide, com 8 mm de comprimento por 4 mm de largura máxima. **Anteras** amarelo-pálidas. **Polinário central** 2 pares de políneas amarelas. **Cavidade estigmática** triangular, côncava. **Ovário** áspero, verde intenso, com 40 mm de comprimento por 2 mm de diâmetro.

DISTRIBUIÇÃO. Brasil, Rio de Janeiro, Município de Mangaratiba, São Paulo, Ilha do Cardoso, Espírito Santo e Bahia, Município de Morro do Chapéu, pelo menos, entre 1000 e 1200 m de altitude, porém como o tipo, ocorre em menores altitudes.

HÁBITAT. No Estado da Bahia, em locais sombreados, não associados à água, existentes entre a vegetação típica denominada localmente de “carrasco”, que ocorre na transição para a caatinga, ou em matas de encosta, exclusivamente epífitas, entre um e três metros do chão. Clima com marcada estação seca de agosto a dezembro, no mínimo.

FLORAÇÃO. De junho a outubro, inverno e início da primavera brasileira.

medidas (mm) órgãos ou verticilos	<i>Encyclia serroniana</i>		<i>Encyclia patens</i> *	
	comprimento	largura	comprimento	largura
Folha	370	22	400	25+
pseudobulbo	53	28	100+	27+
Inflorescência	360	3	600+	4,5+
sépala dorsal	12	4,2	15+	5
sépala lateral	13	4	14	5
Pétala	12,5	4,6	14+	6
Labelo	12	12	14+	16+
lobo lateral	7	3	8+	3+
lobo mediano	6	8	7+	10+
Disco	5	2	4+	2+
Coluna	8	4	7,5+	3,5+
Antera	1,8	1,6	1,8+	2,5+
Ovário	40	2	18+	1+

* Segundo dados constantes em Castro Neto & Campacci (2001).

+ Medida em exemplar vivo, quando superar a da descrição ou não for fornecida.

DISCUSSÃO E CONCLUSÃO

A característica principal de *Encyclia serroniana*, e que é única no gênero, são suas inconfundíveis três anteras, com apenas a mediana fértil, que, contudo, foi relegada no passado à condição de variante individual aberrante, insuficiente para alicerçar a validade da espécie.

Outra diferença marcante em relação à *Enc. patens*, cuja floração é simultânea, é a completa ausência de perfume perceptível, notada durante todo o dia.

Desta também se distancia por importante qualidade, rara no gênero, que é a cleistogamia ou autogamia, em diversos graus, com plantas que florescem normalmente e depois se autopolinizam em poucos, vários ou todos os ovários, que são completamente áspersos, assim como aqueles indivíduos em que sequer as flores desabrocham em alguns anos.

Com ela compartilham essa particularidade, no Brasil, *Enc. silvana* Castro & Campacci, 2003, e *Encyclia sp.*, da Região Sul, que apresenta semelhança no hábito com a orquídea em discussão; e, segundo Withner (1996, 1998 e 2000), as caribenhas *Enc. sintenisii* (Rchb.f., 1885) Britton, 1924, de Cuba e Porto Rico, *Enc. isochila* (Rchb.f., 1856) Dodson, 1986, de Porto Rico, Jamaica e Hispaniola, *Enc. maravalensis* Withner, 1995, de Trinidad, *Enc. monticola* (Fawcett & Rendle, 1909) Acuña, 1939, de Cuba, Jamaica, Hispaniola e possivelmente Trinidad, que por conta desta particularidade, assim como *Enc. sintenisii*, não pode ser sinônimo de *Enc.*

oncidioides (Lindl., 1833) Schltr., 1914; e *Enc. bradfordii* (Grisebach, 1864) Carnevali & Ramirez, 1986, de Trinidad e Tobago e da região costeira da Venezuela, além de *Enc. gravida* (Lindl., 1849) Schltr., 1918, de Belize, México, Nicarágua e Panamá, que, não obstante apresentem essa forma de reprodução assexuada, possuem antera simples.

Distingue-se ainda da espécie paradigma (Tabela 1) pela coluna reta e proporcionalmente mais longa e com diâmetro maior, portando aurículas comparativamente menores, estreitas e pontiagudas, inclinadas 45° para frente. O disco central é pouco destacado em relação ao de *Enc. patens*, que tem ainda, diferentemente desta, lobos laterais afilados na porção distal.

As flores, que mais lembram miniaturas de *Enc. oncidioides*, demonstram tendência à não-ressupinação, com tépalas em amarelo ou amarelo-ocre e labelo amarelo, cujo lobo central é mais curto, com mácula em forma de leque. Neste aspecto, na aparência geral da flor predomina o amarelo, enquanto em *Enc. patens*, em sua maioria, o verde.

A inflorescência, paradoxalmente, quando comparada com a de *Enc. patens*, é mais delgada, o que não era de se esperar considerando tratar-se de planta cleistogâmica, que pode suportar um peso considerável se for gestada grande quantidade de cápsulas.

Apreciados em conjunto, esses traços particulares induzem à separação entre os táxons discutidos, agregando-se mais esta ao inventário das espécies brasileiras.

AGRADECIMENTOS

Ao Chicão, baiano de Morro do Chapéu, guia atencioso e profundo conhecedor da vegetação da circunvizinhança, que nos conduziu aos primeiros espécimes coletados para estudo; a Thiago E. C. Meneguzzo, pelas críticas, sugestões, elaboração da tábua de sinônimos e revisão técnica do manuscrito; a Vitorino de Paiva Castro Neto, que informou a existência desta espécie naquela localidade; a José Serafim Sobrinho, experiente orquidófilo em Brasília e membro fundador do CEB, que corroborou a conclusão e cedeu material bibliográfico, e a Airtton Coelho da Silva, que realizou o escaneamento da ilustração e das fotografias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Barbosa Rodrigues, J. 1877. Genera et species orchidearum novarum. Sebastianópolis: C. & H. Fleiuss, v. 1.
- Barros, F. 1983. Flora Fanerogâmica da Reserva do Parque Estadual Fontes Ipiranga: Orchideaceae. *Hoehnea*, São Paulo, v. 10: 74-124.
- Brito, A. L. V. T.; Cribb, P. J. 2005. Orquídeas da Chapada Diamantina. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

- Campacci, M. A. 2003 Coletânea de orquídeas brasileiras: *Encyclia*. Taubaté: Brasil Orquídeas. v. 1.
- Castro Neto, V. P.; Campacci, M. A. 2000. Icones orchidacearum brasilienses. Porto Ferreira, SP. v.1.
- Cogniaux, A. C. 1898. Orchidaceae. In: Martius, C. F. P.; Eicher, A. G.; Urban, I. (ed.). Flora Brasiliensis. Monachii: Typographia Regia, 1898. v. 3, pt. 5, fasc. 123.
- Pabst, G. F. J.; Dungs, F. 1975. Orchidaceae brasilienses. Hildesheim: Brücke-Verlag Kurt Schmiersow, v. 1.
- Romanini, R. P.; Barros, F. 2007. *Orchidaceae*. In: Melo, M. M. R. F. et al. (ed.) Flora fanegâmica da Ilha do Cardoso. São Paulo: Instituto de Botânica, v. 12: 29-275.
- Withner, C. L. 1996. The Cattleyas and their relatives: The Bahamian and Caribbean species. Portland: Timber Press. v. 4.
- Withner, C. L. 1998. The Cattleyas and their relatives: *Brassavola*, *Encyclia*, and other genera of México and Central America. Portland: Timber Press. v. 5.
- Withner, C. L. 2000. The Cattleyas and their relatives: The South American *Encyclia* species. Portland: Timber Press. v. 6.



Distribuidora dos Fertilizantes



• SEMENTES

• FERTILIZANTES

• HERBICIDAS

• INSETICIDAS

• TUBOS • ARAMES

**Linha orgânica,
Linha de irrigação,
Substratos etc...**

ST Irajá Agrícola Ltda. CNPJ 03.656.245/0001-60 I.E 77.046.984
Av. Brasil, 19.001 • Loja 2 e 4 • Pav. Manutenção • CEASA • Irajá
21530-000 Rio de Janeiro RJ • Tels. (21) 2471-2568 / 2471-2569
fernando.rezende@futurofertil.com.br

Sobre o Habitat de *Phragmipedium besseae* Dodson & Kuhn e a Importância da Propagação Artificial da Espécie

Maria do Rosário de Almeida Braga.
orquidario@quintadolago.com.br

On the Habitat of *Phragmipedium besseae* Dodson & Kuhn and the Importance of the Artificial Propagation of the Species

Abstract: As part of an ecotourism trip organized for us to visit orchid habitats in Ecuador, we went to two sites where *Phragmipedium besseae* grows naturally and some characteristics of that environment are described. This attractive species was first found in 1981 and in the following years the collecting pressure on many populations was very high. The pressure only started to diminish from the moment that the species began to be reproduced in orchid labs and when a large number of good quality seedlings were available at an affordable price. While the *ex-situ* Conservation of *Phrag. besseae* is apparently guaranteed, the few natural populations remaining are still under threat.

Key-words: *Phragmipedium besseae*, Ecuador, *ex-situ* Conservation, *in-situ* Conservation.

Resumo: Como parte de uma viagem de ecoturismo organizada para visitarmos habitats de orquídeas no Equador, fomos a dois locais onde *Phragmipedium besseae* cresce naturalmente e algumas características daquele ambiente são descritas. A atraente espécie foi encontrada pela primeira vez em 1981 e, nos anos seguintes, houve uma grande pressão de coleta sobre diversas populações. Esta pressão só começou a diminuir a partir do momento que a espécie foi reproduzida em laboratório, disponibilizando inúmeras plantas de qualidade a preços mais acessíveis. Enquanto a conservação *ex-situ* de *Phrag. besseae* parece estar garantida, as poucas populações naturais remanescentes ainda estão ameaçadas.

Palavras-chaves: *Phragmipedium besseae*, Equador, Conservação *ex-situ*, Conservação *in-situ*.

Em junho de 2009 participei de uma expedição ao Equador, organizada pela “Orchid Conservation Alliance” (OCA, www.orchidconservationalliance.org) para que visitássemos habitats de diversas orquídeas. O Equador é um país riquíssimo em vários grupos de organismos, incluindo as orquídeas. Sua área de 272.045 km² corresponde a pouco mais do que a área do Estado de São Paulo, mas mais de três mil espécies de orquídeas já foram encontradas no Equador, o que significa que a diversidade lá está entre as mais altas do mundo.

É verdade que vimos muitas e lindas orquídeas crescendo na natureza nos vários lugares por onde passamos e confesso que a grande maioria delas eu estava vendo pela primeira vez. No entanto, arrisco a dizer que, de todas as espécies que encontramos, a mais emblemática foi *Phragmipedium besseae*, que observamos crescendo em duas localidades diferentes. “Emblemática” porque *Phrag. besseae*, com seu colorido vermelho vivo, é uma espécie que atrai a atenção e o desejo de todos, sendo considerada uma das espécies mais espetaculares do gênero.



Fig. 1 – Plantas de *Phrag. besseae* em diferentes estágios de crescimento, sobre rocha vertical (Foto: Ron Kaufmann)

A espécie foi descrita por C. Dodson e J. Kuhn em 1981, que a batizaram em homenagem a pessoa que havia coletado a planta, a Sra. E. Locke Besse. A descoberta aconteceu durante uma expedição ao norte do Peru, onde a planta foi encontrada crescendo sobre rochas úmidas, a uma altitude de 1100m. Alguns anos depois outras populações foram encontradas no sul do Equador, nesta mesma altitude, em encostas graníticas quase verticais, voltadas para o leste, e no lado leste dos Andes (Mulder & Mulder-Roelfsema, 1990). Constatou-se depois que a espécie é mais comum no Equador do que no Peru, onde cresce entre 1100m e 1500m de altitude, em encostas íngremes dos Andes voltadas para o leste. Entretanto, em várias das localidades em que foram registradas, as populações foram sistematicamente coletadas até a exaustão (Bechtel *et al.*, 1992).



Fig. 2 – Planta de *Phrag. besseae* com raízes entre musgos. (Foto: Ron Kaufmann)

Na recente viagem que fizemos, tivemos oportunidade de observar plantas de *Phrag. besseae* em vários estágios de desenvolvimento (fig. 1), inclusive floridas (fig. 2-4), mas não com frutos, em dois distritos diferentes, nas províncias de Azuay e Morona-Santiago, nos Andes equatorianos. Nas duas localidades, plantas cresciam em encostas verticais na beira da estrada, água pingando e cercadas de musgos e samambaias. As raízes de *Phrag. besseae*, estavam sempre entre os musgos molhados. As figuras 5 e 6 mostram parte de falésias onde vimos *Phrag. besseae*, entre uma vegetação típica de locais bem úmidos. A altitude dos dois locais era de 1400 - 1500m.

A esta altitude a temperatura diurna varia de 15 a 25°C e a temperatura mínima noturna fica próxima a 10° C, não variando muito ao longo do ano. A pluviosidade anual na região em geral é de 1500 mm, mas é evidente que se trata de um ambiente constantemente saturado de umidade. A luminosidade é alta, considerando que são cortes de rochas na beira de estradas. Em um dos locais, as orquídeas *Elleanthus strobilifera*, *Elleanthus oliganthus*, *Sobralia crocea* (fig.7), *S. klotzscheana*, *Epidendrum agoyanensis* e *Epid. calanthum* cresciam na mesma encosta, em condições semelhantes. *Sobralia rosea* e *S. crocea* cresciam com *Phrag. besseae* no outro local. Em ambos os locais observamos também plantas floridas do que conhecemos aqui como *Encyclia vespa* (= *Anacheilium crassilabium*) (fig.8) – ou uma espécie do complexo *E. vespa*, que também ocorre na Mata Atlântica brasileira.



Fig. 3 – *Phrag. besseae* crescendo entre *Elleanthus* sp e *Sobralia* sp. (Foto: Ron Kaufmann)

O fato de termos visto estas duas populações de *Phrag. besseae* crescendo em beira de estradas não significa que a espécie é abundante e nem que está com a sobrevivência garantida. Só chegamos aos dois locais onde estas duas populações da espécie estão crescendo porque fomos levados por guias de ecoturismo do Orquidário Ecuagenera (Gualaceo, Equador) que conhecem muito bem a flora local de orquídeas. No entanto, eles demonstraram grande preocupação em procurar esconder as plantas mais acessíveis, sabendo que elas constantemente correm o risco de serem coletadas, como já aconteceu com várias outras populações da espécie.



Fig. 4 – O vermelho brilhante das flores de *Phrag. besseae* destaca-se da vegetação crescendo sobre o paredão rochoso. (Foto: Ron Kaufmann).

Apesar da atual disponibilidade de vários clones excelentes de *Phrag. besseae* no mercado internacional e da imensa maioria já ser proveniente de reprodução em laboratório, ainda existem pessoas que continuam achando que podem retirar plantas da natureza. E com isto as populações existentes e mais acessíveis, continuam diminuindo embora agora em menor velocidade do que há duas décadas atrás.



Fig. 8 – Esta espécie, conhecida como *Encyclia vespa*, tem ampla distribuição também no Equador, crescendo inclusive a 1400m de altitude. (Foto: M.R.A.Braga)



Fig. 9 – Fachada do Orquidário Ecuagenera, em Gualaceo, com a logomarca da empresa (Foto: M.R.A.Braga)

O próprio Orquidário Ecuagenera, que já produz frascos da espécie há alguns anos, tem um papel importante em disponibilizar, para o mercado interno e externo, plantas de boa qualidade. *Phrag. besseae*, com o seu grande apelo visual, é a logomarca deste conhecido orquidário (fig.9)



Fig. 5 – Aspecto do habitat com algumas plantas de *Phrag. besseae* no canto esquerdo superior e canto direito inferior. (Foto: Peter Tobias)

Em 2001, Harold Koopowitz, escreveu um parágrafo sobre a espécie, colocando-a entre as espécies de orquídeas que considera que tenham sido salvas pela comercialização. Traduzo a seguir os fatos narrados (pag. 141). “A espécie criou grande agitação quando foi descoberta. Acharam que era excepcionalmente rara e Selby Gardens (Sarasota, FL, EUA) leiloou, como um lance fechado as primeiras plantas que foram introduzidas em cultivo. Aparentemente apenas uma das plantas leiloadas sobreviveu, mas que não teve papel importante em cruzamentos posteriores. (...) Algumas outras plantas foram coletadas e levadas para a Europa e Estados Unidos. Pequenas divisões das plantas eram vendidas por até US\$600,00. Algumas plantas foram adquiridas por um grande orquidário comercial atacadista “Orchid Zone Nursery” (Salinas, CA, EUA), com laboratório de propagação. Usando estas poucas plantas, eles foram capazes de desenvolver técnicas de propagação em um arte e fizeram a espécie florir em 18 meses, a partir de sementes. Em poucos anos eles foram capazes de reproduzir milhares de *Phrag. besseae* e cada planta florida pode chegar

ao mercado por US\$15,00. As vigorosas plantas produzidas eram mais atraentes do que as plantas coletadas na mata e elas então diminuíram a pressão nas populações naturais remanescentes”. (Koopowitz, 2001)



Fig. 6 – Vista geral do local onde cresce uma das populações, a 1500m de altitude. (Foto: Peter Tobias)



Fig. 7 – *Sobralia crocea*, espécie que compartilha o mesmo habitat de *Phrag. besseae*. (Foto: M.R.A. Braga)

O emblemático *Phragmipedium*, por seu intenso vermelho, desde cedo começou a ser usado em cruzamentos. Surgiram no mundo orquidófilo alguns clones da espécie que se destacaram, às vezes de variedades diferentes: *Phrag. besseae* var. *besseae* 'Peru', *Phrag. besseae* var. *dalessandroi* (do Equador), *Phrag. besseae* 'Flavum' (Moon & Cribb, 1997) e o famoso tetraplóide, *Phrag. besseae* 'Jersey'. E há alguns anos a espécie tem sido amplamente utilizada em cruzamentos, dando origem a híbridos famosos, como *Phrag. Don Wimber*, com vários clones premiados. Por ocasião da 19ª Conferência Mundial de Orquídeas, em janeiro de 2008, em Miami, FL, EUA, no estande de exposição do Orquidário Krull-Smith, que recebeu o prêmio de “Reserve Champion Display”, entre plantas lindas e uma decoração espetacular, chamava a atenção um “jardim” de *Phrag. besseae* (fig.10).



Fig. 10 – Detalhe do estande de exposição do Orquidário Krull-Smith, durante a 19ª Conferência Int. de Orquídeas, em 2008. (Foto: Sergio Araujo)

A propagação da espécie em laboratório certamente contribuiu para disponibilizar plantas de qualidade a orquidófilos dos países de origem e de outros países. Mas como ainda acontece com várias outras orquídeas, a pressão de coleta infelizmente ainda persiste. Embora o cultivo de *Phrag. besseae* seja importante para a sua Conservação, a Conservação *ex-situ* é sempre uma segunda alternativa em relação a conservar a espécie em seu habitat (Conservação *in-situ*). Existem boas razões científicas para isto, mas todos temos também um desejo instintivo de ver espécies na natureza. Quem não prefere saber que onças, elefantes e pássaros estão vivendo livres na natureza em vez de só sobreviverem presos em gaiolas de jardim zoológicos? E por que nós atravessamos as montanhas do Equador, em estradas precárias, para ver *Phrag. besseae* crescendo no seu estado natural?

Agradecimentos: A Peter Tobias, Ron Kaufmann e Sergio Araujo, companheiros de viagens, por cederem suas fotos. A Tim Moulton pelas idéias e à Delfina Araujo pela revisão do texto.

Referências Bibliográficas:

Bechtel, h., P. Cribb & E. Launert. 1992. The Manual of Cultivated Orchid Species. 3rd ed. Cambridge, The MIT Press. 585pp.

Koopowitz, H. 2001. Orchids and their Conservation. Portland, Timber Press. 176pp.

Moon, A. & P. Cribb. 1997. Thoughts on the identity of the red phragmipediums. Orchid Review, 105 (1216): 227-230.

Mulder, D. & T. Mulder-Roelfsema. 1990. Orchids travel by air: a pictorial safari. Wageningen (Holanda), Het Houten Hert. 143pp.



Fertilizante multinutrientes para o cultivo de Orquídeas com macro e micronutrientes em concentrações equilibradas para o desenvolvimento e crescimento de plantas de orquídeas, desde a produção de mudas, durante seu cultivo e até a produção de Belas e Grandes Flores dos principais gêneros de orquídeas, bem como de seus híbridos comerciais cultivados no Brasil.



B&G Flores - Fertilizantes e Nutrição Vegetal

Endereço: Incubadora de Empresas - CENTEV/UFV
Sala 102 - Campus UFV - Viçosa - MG - CEP: 36570-000
www.begflores.com.br TEL: (31) 3892-4967

O uso de *Cyrtopodium saintlegerianum* Rchb.f. (Orchidaceae) para a confecção de viola-de-cocho em Poconé, Pantanal de Mato Grosso, Brasil

Adarilda Petini-Benelli¹, Mariete Alves da Silva² & Miramy Macedo³

1- Bióloga, Mestranda em Ecologia e Conservação da Biodiversidade (UFMT), pesquisadora do Herbário UFMT. Caixa Postal 198, Centro. CEP: 78005-970, Cuiabá-MT. ada.benelli@gmail.com

2- Bióloga, 3- Botânica, Curadora do Herbário UFMT.

Abstract: The use of the *Cyrtopodium saintlegerianum* Rchb.f as raw material of consumption products is an old custom of the traditional population from Mato Grosso State. Through interviews with the Community of Capão, city of Poconé, MT, we learned about the use of the mucilage extracted from the pseudobulbs of *Cyrt. saintlegerianum* to glue the parts of the “viola-de-cocho”, musical instrument typical from the wetlanders. This practical was photographed as well as the habitat of the species. We registered 89 individuals in the area of study and under cultivation in visited residences.

Key-words: *Cyrtopodium saintlegerianum*, ethnobotany, viola-de-cocho.

RESUMO: A utilização do *Cyrtopodium saintlegerianum* Rchb.f. como matéria-prima de produtos de consumo é prática antiga da população tradicional matogrossense. Através de entrevistas feitas na Comunidade do Capão, município de Poconé, MT, comprovou-se a utilização da mucilagem extraída dos pseudobulbos do *Cyrt. saintlegerianum* para colar as peças da viola-de-cocho, instrumento musical típico pantaneiro. Essa prática foi fotografada e também a espécie no habitat. 89 exemplares de *Cyrt. saintlegerianum* foram registrados na área em estudo e em cultivo nas residências visitadas.

Palavras-chave: *Cyrtopodium saintlegerianum*, etnobotânica, viola-de-cocho.

INTRODUÇÃO

O uso de espécies vegetais como alimento, matéria-prima para produção de medicamentos, cosméticos e produtos têxteis é uma prática constante com registros na literatura desde a Antiguidade (PIO-CORRÊA, 1978). Muitas espécies se prestam a vários usos, fornecendo alimento, bebida, fibras ou medicamentos. Outras são largamente utilizadas em projetos paisagísticos por seu potencial ornamental (PALLAZZO JÚNIOR & BOTH, 1993). Nessa prática, o homem sub ou super-utilizou algumas espécies em detrimento de outras, nem sempre se preocupando com sua reprodução ou conservação, gerando uma das externalidades mais notáveis e relevantes, como consequência indireta da atividade econômica humana (PRIMACK & RODRIGUES, 2001).



Fig. 1. Sr. Bernardo Nunes Rondon, pantaneiro de Poconé, mostrando violas-de-cocho recém-fabricadas com os processos artesanais que incluem o uso da cola de *Cyrt. saintlegerianum* Rchb.f. Foto: Mariete A. Silva.

Com rica e diversa flora nativa, ainda muito desconhecida, o estado de Mato Grosso abrange, em seu território, parte de três importantes biomas do mundo: a floresta Amazônica, o Cerrado e o Pantanal, apresentando grandes variações que propiciam micro-ambientes, definindo as mudanças na vegetação e, conseqüentemente, na paisagem. O Pantanal mato-grossense apresenta terrenos mais elevados, livres das enchentes permanentes, chamados de capões e cordilheiras e a planície pantaneira, onde estão as mais belas paisagens naturais desse complexo ecossistema (FERNANDES, 2003). Nessa planície, encontram-se diversificadas fauna e flora, onde a vida pulsa mais forte a cada ciclo, numa área de 230.000 km² (POTT & POTT, 1994). Uma das famílias com grande número de espécies que ocorrem no Pantanal é a Orchidaceae.

O *Cyrtopodium saintlegerianum* Rchb.f. (Orchidaceae), conhecido popularmente como 'sumaré' é uma das espécies de orquídea mais amplamente distribuída no Pantanal de Poconé, estado de Mato Grosso (SILVA, 2005), sendo extraída para diversos fins, tais como ornamentação, produção de medicamentos (PIO CORRÊA, 1978) e produção de cola natural (HOEHNE, 1953). A forma de utilização que objetivou este trabalho é a produção de cola para unir as partes da viola-de-cocho, instrumento musical típico pantaneiro (Fig. 1). Este instrumento de cordas é produzido em forma de cocho excavado manualmente em peça única de madeira e vedado por uma tampa sem recorte da mesma madeira. Para a confecção das peças, os pantaneiros utilizam o 'timburí' ou 'ximbuva' (*Enterolobium contortisiliquum* (Vell.)

Morong & Britton - Fabaceae:Mimosoidae), árvore nativa de tronco largo e madeira bem clara e macia, fácil de esculpir. Para realizar a junção da tampa ao cocho, o pantaneiro utiliza-se da 'cola-de-sapateiro' ou 'cola-de-viola', preparada com a mucilagem extraída do pseudobulbo do *Cyrt. saintlegerianum* Rchb.f. (FERNANDES, 2008).

Os festejos tradicionais da região não são os mesmos se não tiverem o Cururú e o Siriri, manifestações folclóricas nas quais, a dança e a cantoria é acompanhada do som choroso da viola-de-cocho (SANTOS, 1993).

ÁREA DE ESTUDO



Fig. 2. Visualização por satélite da área de estudo. Fonte: Google Earth Plus, 2008.

Poconé é um município com população estimada em 31.243 habitantes (IBGE, 2004), seu território é de 17.261 Km² e está localizado a 100 Km da Capital Cuiabá, no extremo sudoeste de Mato Grosso e porta de entrada do Parque Nacional do Pantanal. O município tem grande diversidade de nichos ecológicos nos quais prolifera variada flora que abriga uma fauna especial (SILVA, 2005).

O local da pesquisa foi a Comunidade do Capão, área que está geograficamente localizada a 16°14'03.81"S 56°35'38.75"O, 150 m.n.m. (GOOGLE EARTH PLUS, 2008; Fig 2). A paisagem é constituída de pastagem de subsistência, sem disponibilidade de água corrente, apresentando abundância de bocaiuveiras (*Acrocomia aculeata* (Jack) Lodd.), espécie de palmeira com potencial ornamental, econômico e cultural, muito comum no Estado. O clima da região é tropical semi-úmido com temperatura média anual entre 23°C e 35°C. O período seco vai de maio a

setembro; entre outubro e fevereiro chove muito e o regime de chuvas comanda estas terras tão especiais: parte do ano as águas cobrem tudo, depois, vão baixando e os ciclos biológicos retornando ao seu equilíbrio (POTT & POTT, 1994).



Fig. 3. *Cyrt. saintlegerianum* Rchb.f. cultivada como ornamental.
Foto: Antônio César Ribeiro.



Fig. 4. *A. aculeata* (Jack) Lodd. hospedando grande touceira de *Cyrt. saintlegerianum* Rchb.f. em pastagem na área de estudo. Foto: Mariete A. Silva.

MATERIAL E MÉTODOS

A espécie objeto do estudo é o *Cyrt. saintlegerianum* Rchb.f., herbácea epífita que atinge grande porte, formando grandes touceiras com mais de 100 pseudobulbos (Petini-Benelli & Lobo, 2007). HOEHNE (1953) refere essa espécie brasileira para o interior do Brasil Central. Conhecida popularmente como 'sumaré' (Fig 3), *Cyrt. saintlegerianum* vegeta sempre em cerrados e matas ralas. Pseudobulbos altos, que podem ultrapassar um metro de altura, fusiformes, afunilados na base, portam folhas alternas, lanceoladas, largas e plicadas de 35-70 cm de comp. (HOEHNE, 1953). Hastes florais densas e ramificadas de até mais de um metro de altura, portando mais de cem flores com 3-4 cm de diâmetro (PETINI-BENELLI, 2006). Estas apresentam pétalas de cor amarela e sépalas amarelas densamente maculadas de marrom-avermelhado. Labelo trilobado com lóbulo central amarelo com pequenas pintas em suas margens. Os lóbulos laterais são de cor marrom avermelhado (HOEHNE, 1953). Floresce no inverno e primavera (MACEDO *et al.*, 2002). É uma espécie típica da região Centro-Oeste do Brasil, especialmente distribuída no Planalto Central Brasileiro, onde é facilmente encontrada na metade superior dos troncos e algumas vezes no topo das palmeiras, formando uma grande touceira de raízes pneumatóforas nas quais os periquitos constroem seus ninhos através do compacto sistema de raízes aéreas (MENEZES, 2000; PETINI-BENELLI & LOBO, 2007; FERNANDES, 2008).

Utilizou-se de avaliação quali-quantitativa, segundo MAZZOTTI (1999), para analisar as causas, condições e frequências de uso do *Cyrt. saintlegerianum* pela comunidade pantaneira de Poconé. Foram entrevistados quinze moradores da Comunidade de Capão, município de Poconé, todos eles fabricantes da viola-de-cocho ou ligados diretamente a essa atividade. Com isso, obteve-se informações referentes ao conhecimento que os entrevistados possuem sobre o *Cyrt. saintlegerianum*, quantidades encontradas na região e uso tradicional. Os exemplares localizados foram contados e sua posição registrada com auxílio de GPS, evitando-se replicação de dados. Foram fotografados e identificados por número próprio. As atividades de preparação da cola-de-viola e sua utilização foram fotografadas.

Para correta identificação da espécie, um exemplar foi coletado em uma das residências visitadas, com o consentimento do proprietário, e depositado no Orquidário do Jardim de Biodiversidade do Herbário UFMT, na Universidade Federal de Mato Grosso, Campus Cuiabá. Assim que ocorreu a floração, o exemplar foi corretamente determinado e a identidade taxonômica confirmada.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram encontrados 89 exemplares de *Cyrt. saintlegerianum* na área de estudo, em forófitos como o buriti (*Mauritia flexuosa* Mart. - Arecaceae), buritirana (*Mauritia vinifera* Mart. - Arecaceae), bocaiúva (*Acrocomia aculeata* (Jack) Lodd. -

Arecaceae), cajazinho (*Spondias lutea* L. - Anacardiaceae) e babaçu (*Orbignya phalerata* Mart. - Arecaceae). O forófito com maior abundância na área, apresentando 226 indivíduos foi *A. aculeata*, dos quais, 64 apresentavam *Cyrt. saintlegerianum* (Fig. 4).

Dos quinze moradores entrevistados na comunidade em estudo (seis mulheres e nove homens), a idade variava entre 40 e 86 anos, sendo todos nascidos e criados na região pantaneira. O leque de profissões variou de pecuarista, agricultor, do lar, aposentados e trabalhador braçal, com escolaridade máxima de Ensino Fundamental incompleto.

Como resultado das entrevistas, confirmou-se uma tradição transmitida de geração a geração que é a utilização da goma extraída do pseudobulbo do 'sumaré' (*Cyrt. saintlegerianum*) usada como cola de madeira (Fig 5). Um dos entrevistados que destacamos, o Sr. Bernardo Nunes Rondon, de 69 anos, aposentado, aprendeu a fazer viola desde moço, utilizando a cola do 'sumaré'. Ensina que, após aquecido ao fogo, o pseudobulbo tem raspado o conteúdo de seu interior e essa goma que é retirada daí é usada para colar a tampa superior deste instrumento (Fig 6). Segundo ele, há relatos de violas que tem mais de vinte anos e nunca descolaram. Para a colagem funcionar bem, o pseudobulbo do 'sumaré' deve ser coletado no período de seca, entre os meses de maio e setembro. Segundo os artesões pantaneiros, o 'sumaré' (*Cyrt. saintlegerianum*) é retirado da bocaiuveira (*A. aculeata*) por meio de cordas ou taquaras amarradas com arames, e posteriormente plantadas em suas casas, o que facilita a retirada dos pseudobulbos sempre que precisarem. Esta ação controversa dos artesões aparentemente pode contribuir para a permanência da espécie no habitat e com o potencial econômico e ornamental da região, pois a retirada dos exemplares do habitat não é uma prática constante, nem o corte dos pseudobulbos muito frequentes. Segundo eles, houve uma grande diminuição do 'sumaré' que havia na área nos últimos anos devido à ocorrência de derrubada indiscriminada das árvores e das palmeiras.

Muitas vezes, sem orientação dos danos que estão causando ou mesmo com o intuito de praticar o tráfico desta espécie, os moradores locais realizam coletas predatórias sem avaliar que estas atividades causam grande impacto, podendo levar à extinção local de espécies encontradas no Pantanal. Todos os entrevistados afirmaram desconhecer outra utilidade para o 'sumaré' que não seja ornamental ou para colar a viola-de-cocho, que aprenderam desde cedo com seus antepassados (pais, avós) a fazer, utilizando sua goma.

Quando indagada da preocupação com a preservação da flora nativa, a comunidade local afirmou considerar importante a permanência desta planta na natureza, uma vez que os mesmos se utilizam dela para a confecção da viola-de-cocho, que é posteriormente comercializada, gerando uma renda substancial para a maioria das famílias que a produzem. Alegam, os entrevistados, que as novas gerações não mostram interesse em aprender a utilizar o 'sumaré' nem a conhecer seu potencial econômico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FERNANDES, A. 2003. *Conexões florísticas do Brasil*. Banco do Nordeste: Fortaleza-CE.
- FERNANDES, E.R. 2008. *Aspectos botânicos e de uso do Sumaré: Cyrtopodium sp. (Orchidaceae)*. (Especialização em Botânica e Ecologia). IB/UFMT: Cuiabá.
- GOOGLE EARTH PLUS. 2008. *Tele Atlas*. Image NASA. Europa Technologies.
- HOEHNE, F.C. 1953. *Flora Brasílica: Orchidaceae. Fasc. 1 v.XI, XII: Completo*. Departamento de Botânica do Estado de São Paulo.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 2004. *Censo Demográfico Brasileiro*. Brasília:DF.
- MACEDO, M.; CARVALHO, J.M.K. & NOGUEIRA, F.L. 2002. *Plantas medicinais e ornamentais da área do aproveitamento múltiplo de Manso, Chapada dos Guimarães, Mato Grosso*. Cuiabá: Miramy Macedo.
- MAZZOTTI, A.J. 1999. *O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa*. São Paulo: Moderna.
- MENEZES, L.C. 2000. *Orquídeas - Genus Cyrtopodium: Espécies Brasileiras*. Brasília:Ed. IBAMA.
- PALLAZZO JÚNIOR, J.T. & BOTH, M.C. 1993. *Flora Ornamental Brasileira*. Porto Alegre: Sagra: De Luzzatto.
- PETINI-BENELLI, A. 2006. *Ocorrência de espécies da família Orchidaceae em áreas protegidas de Chapada dos Guimarães, MT*. IB/UFMT: Cuiabá.
- PETINI-BENELLI, A. & LOBO, V.M.R. 2007. *Cyrtopodium saintlegerianum* Rchb.f. (Orchidaceae) em áreas de atividades agropastoris da Fazenda São Sebastião, Município de Rondonópolis, Mato Grosso, Brasil. In: *18º Encontro de Biólogos do CRBio-1 (SP, MT, MS)*, 2007, Cuiabá. Biólogo: mercado, tendências e novas tecnologias. Cuiabá : Rettec - Artes Gráficas e Edições Técnico-Científicas Ltda. p. 66-67.
- PIO-CORRÊA, M. 1978. *Dicionário das Plantas úteis do Brasil e das exóticas cultivadas*. Rio de Janeiro: Min. da Agricultura.
- PRIMACK, R.B. & RODRIGUES, E. 2001. *Biologia da Conservação*. Londrina: E. Rodrigues.
- POTT, A.; POTT, V.J. 1994. *Plantas do Pantanal*. Brasília: Embrapa-SPI.
- SANTOS, A. 1993. *Viola-de-cocho - Novas Perspectivas*. Editora Universitária - EdUFMT - Cuiabá - MT - 1993
- SILVA, M.A. 2005. *O Uso de Cyrtopodium saintlegerianum Reichb. F. (Orchidaceae) na Comunidade de Capão Pantanal de Poconé/MT*. Cuiabá:UNIC.

Nova ocorrência de *Epidendrum paniculosum* Barb. Rodr. no Estado do Rio de Janeiro

Sylvio Rodrigues Pereira
sylvio.pereira@uol.com.br

New occurrence of *Epidendrum paniculosum* Barb. Rodr. in Rio de Janeiro State.

Abstract: The charming *Epidendrum paniculosum* is an endemic species that occurs at two localities of the “Região dos Lagos” in Rio de Janeiro State, Brazil. It is a rare plant, not encountered in collections and nurseries. Its distribution is limited, growing in fragments of Atlantic rain forest, near the sea beach or borders of the salt lagoon of the region. The plant in focus is unique and was founded growing in a tree as epiphyte, at the bottom of a hill, no longer than five meters from the lagoon.

Key-words: *Epidendrum paniculosum*, Rio de Janeiro State, Atlantic Rain Forest.

Resumo: O sedutor *Epidendrum paniculosum* é uma espécie endêmica encontrada em duas localidades da Região dos Lagos no Estado do Rio de Janeiro, Brasil. É uma planta rara, não sendo vista nas coleções nem à venda nos orquidários comerciais. Sua distribuição é limitada, vegetando em fragmentos ralos e descaracterizados de Mata Atlântica a beira mar ou nas margens das lagoas de água salgada da região. A planta em questão é única e foi encontrada vegetando sobre uma árvore, no sopé de um morro, a cinco metros da lagoa.

Palavras-chaves: *Epidendrum paniculosum*, Estado do Rio de Janeiro, Mata Atlântica

Introdução:

O Gênero *Epidendrum* foi estabelecido por Linnaeus em 1753, tendo sido classificado na subfamília Epidendroideae tribo Epidendreae, subtribo Laeliinae, compreendendo cerca de 1000 espécies, distribuídas desde a Flórida (USA) até a Argentina.

Etimologia: O nome *Epidendrum* é derivado do Grego *epi*, sobre + *dendron*, árvore; que vegeta nas árvores.

Epidendrum paniculosum Barb. Rodr. é um nome aceito, e o seu registro e descrição foram publicados no Gen. Spec. Orchid. 1: 58 (1877).

Etimologia: *paniculosum*. – Adj. lat. artf. de panícula, inflorescência de forma cônica.

A planta descrita por Barbosa Rodrigues foi encontrada no bairro do Engenho Novo na cidade do Rio de Janeiro.

A transcrição *ipsi literis* da descrição original da planta em latim e dos comentários em francês do Barbosa Rodrigues seguem abaixo:

18. *E.paniculosum* Barb. Rod. l. cit.tab. 47 (Pág. 58)

“E. foliis oblongo-lanceolatis, acutis, distichis; caulibus ex-bracteis purpureis punctatis; sepalis oblongis, inflexis, acutis; petalis filiformibus; labello sub-reniforme, recurvo, convexo, basi bicalloso cum linea inter duos callos. Floribus viridi-fuscis, macula purpurea labelli basi. Panícula ramosissima.

Hab. A RIO DE JANEIRO, près d'ENGENHO NOVO. Fleurit en Décembre. Cette espèce croît presque toujours sur les manguiers (mangifera indica); elle émet une panicule presque aussi longue que les tiges. Les fleurs sont peu attrayantes à cause de la couleur vert-sale des sépales et des pétales et leur petitesse. Le labelle est vert avec une macule pourpre à la base.”



Fig. 1. Ilustração da espécie por Barbosa Rodrigues, em “Iconografie des Orchidées du Brésil”, reeditado em 1996.

Segundo Pabst & Dungs, a ocorrência do *E. paniculosum* está registrada para os estados do Rio de Janeiro e São Paulo.

A literatura sobre esta planta é escassa e lacônica. Não existe registro de sinônimos. Em diversas listas do gênero *Epidendrum* que foram consultadas, não foi encontrada menção a esta espécie.

Ele está relacionado no Kew Monocot list, entre 2457 espécies de *Epidendrum*, incluindo os sinônimos e nomes não aceitos (*not accepted*).



Fig. 2. Foto de *Epi. paniculosum* no habitat.
(Foto: Luiz Freire)



Fig. 3. Detalhe das flores de *Epi. paniculosum*
(Foto: Luiz Freire)

Esta nova ocorrência da planta foi registrada em 06 de dezembro de 2008, no município de Iguaba Grande – RJ, vegetando como epífita sobre um galho quase na horizontal de uma *Guapira*, a cerca de três metros de altura e a cinco metros da água.

É uma planta adulta, bem desenvolvida e estava em plena e abundante floração. O longo pseudobulbo alcança 30cm de comprimento e a haste floral tem 30-50cm. É um exemplar único e magnífico.

Se não estivéssemos acompanhados de pessoa do local que sabia a sua localização exata, certamente a planta passaria despercebida, dada a sua localização e o seu poder de mimetismo. Apesar da referida planta estar vegetando em um local de fácil acesso, suas coordenadas de localização não serão informadas para manter a sua integridade. Entretanto, estamos programando uma visita mais demorada ao local para tentar encontrar mais exemplares da mesma e catalogar as outras ocorrências de orquídeas. No curto espaço de tempo que estivemos no *habitat*, em quatro áreas com tipos de vegetação diferentes, vimos duas espécies de orquídeas epífitas e onze espécies terrestres, como seguem: *Epidendrum paniculosum* Barb. Rodr.; *Cattleya guttata* Lindley; Orquídeas Terrestres (6); *Cyrtopodium aff. paranaense*; *Catasetum* sp; *Vanilla* sp1; *Vanilla* sp2; *Oeceoclades maculata* [Lindley] Lindley.

Vale informar que fomos guiados pelo fotógrafo e ambientalista local, Luiz Freire, que nos levou diretamente aos locais de ocorrência de plantas que ele sabia serem orquídeas, o que facilitou a nossa observação.

A identificação da planta como *Epidendrum paniculosum* foi feita entusiasticamente por Cláudio Nicoletti Fraga ⁽¹⁾, através de fotos que lhe foram enviadas pela Maria do Rosário. Ele confirmou que a planta é endêmica da região de Cabo Frio e arredores, sendo encontrada em Búzios, normalmente associada a florestas secas e restingas dessa região, em áreas de ocorrência do pau-brasil (*Caesalpinia echinata*). As flores parecem mimetizar as flores do pau-brasil, pois quando as duas estão floridas, e isso ocorre junto, é quase impossível distingui-las.

⁽¹⁾ Coordenador do Projeto Cores do Jardim Botânico.

Agradecimentos: Agradeço ao fotógrafo e ambientalista Luiz Freire da Ong Pingo D'Água que nos enviou as fotos do *E. paniculosum*, que serviram de forte incentivo para a nossa ida ao habitat, junto com a Maria do Rosário de Almeida Braga da OrquidaRIO. Aos biólogos Mauricio Vecchi (Ornitólogo) e Márcio Gonçalves, também da Ong, e da Denise Penna do Consórcio Intermunicipal Lagos São João, que nos acompanharam na visita.

Referências Bibliográficas:

- Barbosa Rodrigues, J. 1996. Iconografie des Orchidées du Brésil, Vol.4, pg. 302, t. 39. Toscano de Brito, A. & P. Cribb (eds.) Ed. Samuel Sprunger.
- Barbosa Rodrigues, J. 1877. *Genera et Species Orchidearum Novarum quas collegit, descripsit et Iconibus illustravit*, part 1: Malaxideae - Sarcanthidae 1: 58.
- Linnaeus, C. 1753. *Species Plantarum*. p. 952
- McQueen, J & B. McQueen. 1993. *Orchids of Brazil*. Timber Press. p.88.
- Pabst, G. F. J. & F. Dungs, 1977. *Orchidaceae Brasilienses* – BruckeVerlag Kurt Schmiershow.
- Gonzáles Raposo, J. 1999. *Dicionário Etimológico das Orquídeas do Brasil*. Ed. Ave Maria. p.89.
- <http://orchid.unibas.ch>, "Swiss Orchid Foundation at the Herbarium Jany Renz".
- "World Checklist of Selected Plant Families. (19 Maio 2009). The Board of Trustees of the Royal Botanic Gardens, Kew. Published on the Internet; <http://www.kew.org/wcsp/>

ARANDA

ORQUÍDEAS

A maior
variedade de
Espécies e
Híbridos
selecionados
à venda
para todo
o Brasil.



Tel.: (21) 2742-0628

Fax: (21) 3641-3015

www.aranda.com.br